

# LOUVORES AOS PRÍNCIPES AS ORAÇÕES FÚNEBRES DE BOSSUET

*Maria Izabel Barbosa de Oliveira*<sup>1</sup>

**N**a primeira metade do século XVII houve na França um imenso desejo de reforma religiosa. Esse desejo provocou um movimento com propensões a renovar e a purificar o sentimento cristão. A corrente formada por São Francisco de Sales, no princípio do século XVII, recebeu várias tendências afluentes. Entre elas, a oratória, difundida por Bérulle, e a jesuíta. A influência de Bérulle, Bourdoise, Olier e São Vicente de Paulo incutiu na sociedade o desejo de uma vida cristã em maior conformidade com as normas evangélicas. Houve o esforço de cada um para reformar a sua vida. Em toda parte se estabeleceu um grande número de poderosas confrarias, sendo que a mais conhecida dentre elas foi a Companhia do Santo-Sacramento. Os homens mais importantes daquele tempo ali se reuniam. Seu objetivo era defender a decência das Igrejas e suprimir os escândalos. Sua ação esteve sob a suspeita do poder régio e sob a crítica dos pensadores ditos libertinos.<sup>2</sup>

Este novo espírito religioso francês foi representado por São Vicente de Paulo, que teve como meta reconstruir a França cristã. Em um tempo de guerras e de fome, ele foi o apóstolo da caridade, preocupando-se com a renovação das almas. São Vicente de Paulo tornou-se o grande mestre das consciências católicas. Ele combateu o misticismo e o jansenismo e se empenhou em reformar a prédica religiosa, aproximando-a das fontes evangélicas. Foi em sua escola que Bossuet se formou. Toda a sociedade foi influenciada por esta reforma católica, fonte de um novo espírito e de uma nova concepção cristã da vida. E este é um dos elementos fundamentais da literatura histórica clássica. É na reforma católica que se deve buscar o verdadeiro espírito cristão do qual os mais autênticos representantes foram São Vicente de Paulo e seu aluno Bossuet. Segundo Calvet, antes de Bossuet, a predicação era repleta de erros, como “abusos de escolástica, de erudição profana e de alusões políticas”. Houve várias tentativas de São Francisco de Sales, do oratório e dos

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense.

<sup>2</sup> Cf. CALVET, J. Le XVII siècle. La littérature classique. In: \_\_\_\_\_. *Manuel illustré d'histoire de la littérature française*. Vingtième édition. Paris: J. de Gigord Éditeur, 1952. pp. 219s.

jesuítas para reformá-la, “e reconduzi-la à decência e à dignidade evangélica”. No entanto, todos falharam, e São Vicente de Paulo foi o verdadeiro reformador da pregação cristã. Ele ensina em seu *Petite Méthode* a arte de pregar, em que os preceitos de retórica não estão ausentes, e o fundamental de tudo é que “convém pregar unicamente o Evangelho de Jesus Cristo e é preciso pregar com o seu coração”. Como aluno aplicado de São Vicente de Paulo, Bossuet aprende e aproveita bem essas lições em suas pregações.<sup>3</sup>

Bossuet foi influenciado pelos meios devotos. Ele pertencia à Companhia do Santo-Sacramento. Esta, por sua característica secreta, foi suprimida pela monarquia francesa. Após a supressão, passou a existir na clandestinidade. Ela sempre causou inquietação em Luís XIV que, durante toda a sua vida, foi atormentado pela idéia de que os seus súditos, sem nenhuma forma de controle, se reuniriam e promoveriam o desenvolvimento de conspirações. Isto porque, no tempo de seu avô Henrique IV, e nos primeiros anos de Richelieu, os devotos da Santa-Liga eram amigos da Espanha, inimiga da França, e conspiravam contra o seu próprio rei. Porém, nos anos 1650/1660 não era essa a imagem que possuía o devoto do Santo-Sacramento. Para Bossuet, aderir a esta Companhia

implicaria uma certa escolha moral que, por sua vez, implicaria certas opções políticas: era a afirmação de uma influência da religião nas questões humanas: o mundo é uma realidade dominada pelo maquiavelismo e o egoísmo, o devoto trabalha para mudar esse mundo: assistência aos pobres, missões estrangeiras, educação, etc., assim como uma reforma moral e religiosa: luta contra os duelos, as blasfêmias, as heresias, a libertinagem, apelo à cruzada, etc., luta que só pode ser levada com o auxílio de um poder forte e penetrado dessas exigências morais...<sup>4</sup>

Influenciado pela Companhia do Santo-Sacramento, Bossuet afirmou o papel moral do soberano quando solicitou em seus textos que este intercedesse em favor dos pobres e contra todas as formas de imoralidade e de descrença. No período do preceptorado do Delfim, Bossuet também freqüentou a Academia Lamoignon, que era composta por geógrafos, historiadores, juristas e homens de letras. Esta Academia teve um certo papel político, uma vez que entre os seus componentes estavam escritores políticos de grande importância, como Le Vayer, Cordemoy e Fleury, o melhor amigo de Bossuet. Há indícios

<sup>3</sup> Cf. *Id. ib.*, p. 289.

<sup>4</sup> LE BRUN, J. Introduction. In: BOSSUET, JACQUES-BÉNIGNE. *Politique tirée des propres paroles de l'Écriture Sainte*. Genève: Librairie Droz, 1967. pp. VIIIs.

da presença de Bossuet nessa Academia desde 14 de dezembro de 1670, quando fala a respeito da eloquência dos livros sagrados. Crê-se que Bossuet teve contato com esses talentos antes e depois deste período, o que pode ser visto nos temas de suas obras: a paz, a justiça, a agricultura, a população, a simplicidade, e um certo primitivismo social.

O período do preceptorado foi também a época do *Petit Concile*, que marcou indelevelmente a vida da Águia de Meux, para recordar o codnome prestigioso que a tradição literária francesa lhe concedeu. Neste círculo, que foi criado em 1673, eclesiásticos e eruditos laicos reuniam-se para discutir questões das Sagradas Escrituras, como também questões filosóficas. O *Concile* era composto por homens versados em antiguidade bíblica, como Mabillon e Fénelon, além de teólogos, orientalistas e eruditos. Péllisson e La Bruyère estavam entre os participantes deste seleto círculo de intelectuais da corte e, todos eles, à sua maneira, escreveram tributos entusiasmados à realeza solar encarnada por Luís XIV. Os principais personagens do *Concile* foram Bossuet, indicado como presidente, e o abade Claude Fleury, empossado como secretário. Bossuet e muitos de seus contemporâneos possuíam o ardor e a paixão característicos dos homens de sua época e dedicavam parte significativa de seu tempo para comentar a Bíblia.<sup>5</sup>

Como constata René de La Broise, Bossuet e seus amigos do *Concile* incumbiam-se da tarefa de estudar “a história, a cronologia (...) antiguidades, e todas as ciências auxiliares da hermenêutica sagrada, para dar ao texto um comentário (...) claro e conforme as tradições do passado”.<sup>6</sup> Por desejar estudar os textos bíblicos com seriedade, Bossuet sentia a necessidade de conhecer as línguas antigas. Estudou o grego e o hebraico com grande aplicação. Segundo La Broise, Bossuet sabia o grego como ninguém. No *Concile* ganhou o apelido de “Pai Grego”. Mas era o latim a sua língua preferida. Ele sabia tão bem o latim que esta parecia ser a sua língua materna. Ele dominava todas as variações de latim, tanto o dos autores profanos quanto o dos Padres da Igreja. Segundo Sainte-Beuve, Bossuet “falava; disputava em latim na escola; escrevia fluentemente cartas latinas aos prelados estrangeiros com quem se correspondia; as notas das quais ele registrava as margens de seus livros eram mais freqüentemente em latim. É deste conhecimento aprofundado do latim e do uso excelente que soube fazer dele que surgiu, com Bossuet, o francês novo”.<sup>7</sup> Mas a história o atraía bem mais do que o estudo das

<sup>5</sup> Cf. LA BROISE, R. *Bossuet et la Bible*. Genève: Slatkine Reprints, 1971. p. XXXVI.

<sup>6</sup> *Id. ib.*, pp. XXXIIss.

<sup>7</sup> SAINTE-BEUVE, C. Louis XIV. In: \_\_\_\_\_. *Quelques figures de l'histoire*. Paris: Éditions Jules Tallandier. 1928. pp. 111s.

línguas. Ele reconhecia a sua enorme importância.<sup>8</sup> Por seu grande conhecimento sobre a história, Bossuet reinava entre os eruditos que freqüentavam o *petit Concile*.

No período em que foi bispo de Meux, “Bossuet continuou a interessar-se pelos estudos de seus amigos do *Concile*”, como também pelas atividades de outros eruditos, que produziram trabalhos sobre as Sagradas Escrituras. Contra Richard Simon, publicou *Commentaires, Élévations, Meditation*, e a *Défense de la tradition et des Saints Pères*. Consultava os santos Padres para responder a Richard Simon e a Pierre Jurieu. Para a compreensão dos confrontos intelectuais daquele que encarnou o espírito da polêmica teológico-religiosa na segunda metade do século XVII, é preciso recordar, com René de la Broise, em *Bossuet et la Bible*, que ele “é talvez o maior de nossos autores clássicos”.<sup>9</sup> Neste sentido, é de fundamental importância sabermos quem leu e o que ele leu, e como leu os escritores políticos e intelectuais que sobre ele exerceram influência.

Por ter sido destinado desde cedo aos estudos eclesiásticos, tratou de fazer todas as leituras que, em seu entendimento, seriam necessárias e úteis a este ministério tão importante. Assim sendo, dedicou-se a fazer “desde a leitura da Bíblia até a dos autores profanos, e desde os Padres da Igreja até os teólogos da escola e os escritores místicos”.<sup>10</sup> Bossuet nasceu no seio de uma antiga família burguesa de magistrados e parlamentares e foi criado junto aos livros e bibliotecas. Seu pai, mesmo residindo em Metz, devido ao trabalho, conservava um gabinete em Dijon, onde ia sempre que podia para visitar a sua família. Certo dia, neste gabinete, o jovem Bossuet encontrou e abriu uma Bíblia latina pela primeira vez. Foi profunda a impressão que ele recebeu. Neste instante, imergiu nela e nunca mais saiu.<sup>11</sup>

Nessa época, o jovem Bossuet cursava retórica e o estudo das belas letras ocupava o primeiro lugar em seu pensamento. Porém, no momento em que viu uma Bíblia latina e a leu pela primeira vez, os estudos literários imediatamente perderam seu posto. A impressão de luz e de felicidade que sentiu naquele momento sempre o acompanhou até o último dia de sua vida. Foi uma revelação. Imediatamente, “ele se torna o filho e logo o homem da Escritura e da palavra santa”.<sup>12</sup> Era na Bíblia que ele se apoiava para fundamentar todas as suas atividades de eclesiástico e de doutor: teses, predicções,

<sup>8</sup> De acordo com La Broise, Bossuet “dedicava-lhe uma ampla parte de seu tempo e de seus trabalhos.”. LA BROISE, R. *Op. cit.*, pp. LXs.

<sup>9</sup> *Id. Ib.*, p. VII.

<sup>10</sup> DUSSALT, Jugements sur Bossuet. In: *Oraisons funèbres de Bossuet*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frère, 1874. p. 01.

<sup>11</sup> Cf. SAINTE-BEUVE, C. *Op. cit.*, p. 105. A este respeito ver também Lavissee, *op. cit.*, p. 108.

<sup>12</sup> *Id. Ib.*, p. 66.

conferências e controvérsias. Na Bíblia, Bossuet “punha todo o sentido e toda a doutrina, ele aí encontrava toda sua essência”.<sup>13</sup> A paixão que sentia pelos livros sagrados fazia com que esse prelado se dedicasse a celebrar a palavra de Deus com a eloquência dos profetas e a pregar com o mesmo zelo dos apóstolos. As Sagradas Escrituras tiveram um papel de destaque na formação de Bossuet. Segundo La Broise, “o grande escritor não parou de estudar a palavra de Deus, de pregá-la, ensiná-la, defendê-la, de nela inspirar-se em todas as suas ações e em todos os seus trabalhos”.<sup>14</sup> A parte principal da formação de Bossuet vem da *Bíblia*. Este foi o livro que exerceu maior influência em seu estilo. De fato, o estilo e a linguagem de Bossuet são essencialmente bíblicos.

Bossuet foi um aluno admirável do Colégio de Navarra. Assim como o padre Nicolas Cornet, mestre e amigo “ele ‘se alimentava e se saciava da melhor essência do cristianismo’”.<sup>15</sup> Para uma melhor compreensão da *Escritura* ele estudava os Padres da Igreja, pois em sua concepção, eles eram melhores que os novos intérpretes. Para Bossuet, somente neles se encontrava a pura substância da religião e a essência do cristianismo. Encontram-se com frequência, em suas notas e sermões, citações de vários deles, entre os quais Clemente de Alexandria e o papa São Gregório. Contudo, quatro padres foram os seus preferidos: Tertuliano, São Cipriano, São Crisóstomo e, principalmente, Santo Agostinho.

Os anos em que Bossuet se radicou em Metz para estudar lhe renderam bons frutos. Serviram para alimentar o seu talento. Juntamente com a Bíblia tinha Santo Agostinho sempre presente. Bossuet “o conhecia a fundo como o grande reservatório de princípios da teologia”.<sup>16</sup> Dos doutores da Igreja, a sua maior admiração era por Santo Agostinho. “Ele o sabia de cor, o citava sem cessar”.<sup>17</sup> E era neste Padre da Igreja que, segundo ele, encontrava a resposta a todas as suas dificuldades. Por isso, onde quer que ele fosse o levava consigo.<sup>18</sup>

Durante toda a sua vida Bossuet procurou se instruir, e esta preocupação foi maior no período do preceptorado. Sendo assim, aos quarenta e três anos, ele retomou e ampliou

<sup>13</sup> *Id. Ib.*, p. 67.

<sup>14</sup> LA BROISE. *Op. cit.*, p. VIII. Segundo este autor, “se nós percorrermos a vida e as obras de Bossuet, descobriremos (...) que a *Escritura* é ‘a essência de tudo’. Desde sua juventude, ele começa a pregá-la; (...) Ele nunca mostrou mais ardor na luta do que quando ele via os Livros santos serem ameaçados pela crítica temerária”. *Op. cit.*, pp. IXs.

<sup>15</sup> LAVISSE, E. Les Lettres. In: \_\_\_\_\_. *Histoire de France illustrée. Depuis les origines jusqu'à la Révolution*. Paris: Librairie Hachette, s.d. p. 108. (Vol. II).

<sup>16</sup> SAINTE-BEUVE. *Op. cit.*, p. 67.

<sup>17</sup> DUSSALT. *Op. cit.*, p. 1.

<sup>18</sup> LE DIEU apud SAINTE-BEUVE. *Op. cit.*, p. 67.

seus estudos. Bossuet estudou profundamente a literatura latina e grega para poder exercer, ao mesmo tempo e com maior capacidade, as duas funções: a de bispo de Condom e a de preceptor do Delfim. Nos dez anos do preceptorado ele retomou os estudos humanísticos com o propósito de oferecer um melhor ensinamento a seu aluno. Esse foi o período em que ele mais se ocupou dos estudos literários. Lia e relia Homero e Virgílio com muito entusiasmo. No entanto, mesmo nos anos do preceptorado, em que foi reconduzido de modo favorável à literatura profana, em toda a sua vida ele se alimentou muito mais dos autores sagrados. Apesar do entusiasmo de Bossuet pelos autores antigos, ele não deixou de estudar e de se aprofundar nos estudos bíblicos. Pelo contrário, foi no período do preceptorado que os estudos sobre os seus livros preferidos foram mais fecundos. As Escrituras sempre foram a sua principal e perpétua leitura. Sob elas Bossuet “aspirava envelhecer e morrer”.<sup>19</sup> Mas o fato que mais importa nesta análise é que Bossuet se interessou e se notabilizou no gênero literário conhecido como *Orações Fúnebres*.

As *Orações Fúnebres* foram um gênero de grande influência até o século XVII. Esse gênero requeria eloquência mesclada de poesia e de muita imaginação. Sendo assim, caracterizava-se pela pompa das palavras, pela ousadia das imagens, em que o orador arrebatava os espíritos impondo-lhes a sua verdade. Segundo constata M. Villemain em *Essai sur l'Oraison Funèbre*, este gênero de eloquência “celebra e consagra as grandes virtudes humanas. (...) não é estranho a nenhum interesse terreno; atém-se à história, pela narrativa dos fatos, à política pela observação dos grandes eventos, à moral por retratar evolução de caráter. As proezas de um capitão, os talentos de um homem de Estado, a vida de um rei, constituem sua matéria habitual. A religião aí domina sempre...”<sup>20</sup>

Este gênero literário obteve ampla repercussão no interior da tradição judaico-cristã, mas possui origens muito remotas. De início, as orações fúnebres eram feitas para celebrar os guerreiros mortos nos campos de batalha. Davi celebrou Saul e Jônatas. No Egito Antigo, os encarregados dos ofícios religiosos elogiavam os monarcas lembrando seus belos feitos. Na Grécia, os guerreiros que pereciam na guerra eram celebrados por Péricles e os grandes oradores. Elogiava-se os que morriam defendendo a pátria. Lísias, Platão, Sócrates, Demóstenes e Péricles celebraram a memória dos guerreiros mortos, exaltando a sua coragem. Os romanos também faziam “os elogios fúnebres para os grandes, para os homens famosos, e mesmo para as mulheres de um nascimento ilustre”.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> SAINTE-BEUVE. *Op. cit.*, p. 106.

<sup>20</sup> VILLEMMAIN, M. *Essai sur l'oraison funèbre*. In: BOSSUET, J.-B. *Oraison funèbre de Henriette-Marie de France, reine de la Grande-Bretagne*. In: *Oraisons funèbres de Bossuet*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frère, 1874. pp. 01s.

<sup>21</sup> Cf. *Id. ib.*, pp. IIIss.

No século XVII, vários autores escreveram obras do gênero. Figuras exemplares foram Masillon, Fléchier, Bourdaloue, Saint François de Sales, entre outros. Mas foi com Bossuet que este gênero encontrou maior eloquência. Os escritos dos Padres da Igreja serviram-lhe de modelo, como de costume. No entanto, Bossuet os corrigiu, os embelezou e freqüentemente revelou-se “mais sublime, mais puro”.<sup>22</sup> Dos Padres da Igreja, Bossuet tomou de empréstimo a audácia de estilo e de imagens, imitou-os, sobretudo, na marcha livre e altiva de sua eloquência. Antes de Bossuet, o gênero *orações fúnebres* era um tanto quanto subserviente. A única preocupação dos predicadores que pronunciavam orações fúnebres era “agradar a família à força de lisonja e de fazer valer seu talento, em multiplicar os ornamentos oratórios. A *oração fúnebre* era indigna da cátedra de autenticidade”.<sup>23</sup> Desta forma, houve uma espécie de hesitação e receio por parte de Bossuet em ingressar neste gênero.<sup>24</sup> Sua iniciação deu-se no terceiro ano de sua residência em Paris, com a oração que pronunciou, em 1662, para o Padre Bourgoing, geral do Oratório.

A partir de Bossuet, a *oração fúnebre* recebeu uma injeção de autenticidade. Ele não mudou de estilo ao passar do sermão à *oração fúnebre*. Esta foi tratada por ele como um sermão: “Da mesma forma que no sermão ele partia da liturgia ou do dogma para dar uma lição moral, na *oração fúnebre* ele se servia da vida de seu herói para dar lições e fundar exortações práticas”.<sup>25</sup> Assim sendo, na *Oraison funèbre de Henriette-Marie, reine de la Grande-Bretagne*, ele busca provar que os reis e seus respectivos reinos são governados pela Providência divina. Na *Oraison de Louis de Bourbon, prince de Condé*, ele demonstra que a piedade é tudo no homem, que todas as qualidades do coração e do espírito nada são sem esta virtude.

O objetivo da oração da rainha Henriette-Marie, por exemplo, era demonstrar que Deus é o mestre dos reis e lhes dá terríveis lições quando estes desobedecem aos seus preceitos. Para Bossuet, o diadema não vale nada pois, em sua concepção, “o pobre é igual ao monarca”, e o homem mais poderoso do mundo deve afirmar perante inúmeras testemunhas “que suas grandezas são apenas futilidades, que sua potência é apenas um sonho, e que ele próprio é apenas pó”.<sup>26</sup> No gênero orações fúnebres, segundo afirma Dussalt, Bossuet “não teve nem superior nem igual (...) Todas aquelas que ele pronunciou trazem a marca da alma forte e elevada que as produziu, todas retumbantes dessas

<sup>22</sup> *Id. ib.*, p. LIII.

<sup>23</sup> CALVET. *Op. cit.*, pp. 297s.

<sup>24</sup> Cf. *Id. ib.*, p. 297.

<sup>25</sup> *Id. ib.*, pp. 298s.

<sup>26</sup> DUSSALT. *Op. cit.*, p. 18.

verdades terríveis que os poderosos desse mundo não saberiam entender muito bem, e que eles são tão infelizes e tão culpados de esquecer. É aí, para empregar suas próprias expressões, que se vê ‘todos os deuses da terra degradados pelas mãos da morte e abismados na eternidade, como os rios permanecem sem nome e sem glória, confundidos no Oceano com os rios mais desconhecidos’.<sup>27</sup>

Bossuet submeteu-se a certas leis predominantes neste gênero. Ele não se recusou, por exemplo, a cumprir a pompa exigida pela solenidade dessa literatura. Assim, cumprimentava os parentes do morto por mais indignos que fossem, como o esposo de Madame de Maintenon, por exemplo. Contudo, se tinha grande preocupação em dizer a verdade acerca da biografia dos personagens retratados, não se pode esperar dele uma veracidade muito estrita da história. No entanto, falou com seriedade das questões que retratou. Com ele, o movimento, o ritmo, as ousadias de imaginação se subordinavam à verdade. Quaisquer que tenham sido os limites de seus horizontes, sua sinceridade, sua lealdade permaneciam, pois, a cada elogio que fazia, guardava as justas restrições. Na *Oraison funèbre de Henriette-Marie* ele apresenta Cromwell como um homem providencial; na *Oraison funèbre de Louis de Bourbon* ele fala sobre as traições do príncipe de Condé.

Para tratar das grandes questões a que se propunha, Bossuet multiplicava suas pesquisas e fazia um verdadeiro trabalho de documentação. Neste sentido, ele foi um grande historiador, mesmo sem ter tido tal pretensão.<sup>28</sup> Quando não testemunhava os eventos pessoalmente, preocupava-se em documentá-los com seriedade. Para fazer a *Oraison funèbre de Henriette-Marie* ele se inspirou em uma memória redigida pela amiga da defunta, Madame Motteville. Ele narra os fatos relacionados à Revolução Inglesa, apesar de sua subjetividade estar aí infiltrada.<sup>29</sup> Bossuet faz alusões a fatos históricos, a eventos políticos. Ele construiu sínteses profundas sobre as causas psicológicas dos grandes acontecimentos que mudaram o destino das nações, e sobre as características específicas de cada povo. Por isso, “mais ainda que um historiador, ele parece ser, como Montesquieu, um grande filósofo político”.<sup>30</sup>

A morte da rainha Henriette-Marie, em 1669, proporcionou um grande salto na carreira oratória de Bossuet, uma vez que lhe foi oferecido “o mais majestoso e grandioso dos assuntos. (...) a queda e a restauração dos impérios, todas as fortunas diversas reunidas

<sup>27</sup> DUSSALT. *Op. cit.*, pp. 04s.

<sup>28</sup> Cf. *Id. ib.* Ver também LOPES, M. A. Bossuet, historiador da realeza. *Varia Historia*. Belo Horizonte: n° 23, pp. 164-179, julho, 2000.

<sup>29</sup> Cf. BOSSUET et son temps. In: Bossuet. *Oraisons funèbres et sermons*. Paris: Classiques Larousse, 1942. pp. 26s.

<sup>30</sup> Cf. *Id. ib.*, p. 28.

sobre uma mesma cabeça”.<sup>31</sup> Quando pronunciou a *Oraison funèbre de Henriette-Marie*, Bossuet tinha aproximadamente quarenta anos. O sucesso foi tanto que, três dias depois, foi nomeado, por Luís XIV, bispo de Condom. Por mais de um século, homens de Estado e religiosos meditaram profundamente sobre a *Oraison funèbre de Henriette-Marie*. Antes de Bossuet, “jamais a aliança da religião e da política, o perigo das inovações religiosas, e as terríveis conseqüências das máximas anárquicas, tinham sido apresentadas sob características mais surpreendentes”.<sup>32</sup> Um dos grandes aspectos que caracterizam a particularidade da eloqüência de Bossuet é a aproximação que ele faz entre a política e a religião. De acordo com Dussalt,

Suas orações fúnebres não são apenas discursos teológicos e religiosos: as maiores vistas da política aí se confundem às instruções do cristianismo (...) Bossuet não era apenas um Padre da Igreja: este título (...) não o representa completamente. Esse espírito vasto e penetrante, que abraça toda a teoria da religião cristã e que sonda todos os abismos, tinha também penetrado em todos os mistérios do governo e dos Estados. Veja de quais traços, de que tinta, ele pinta as personagens que são mostradas com brilho nas administrações dos impérios, ou nas facções, as cabalas e as perturbações civis. A religião e a política são os dois grandes pivôs sobre os quais rolam principalmente todas as coisas humanas. São os dois interesses estreitamente aproximados entre eles, e se fortificam de certo modo um pelo outro, são os recursos sempre operados da eloqüência de Bossuet. (...) o cristianismo e a política: esta dupla ciência é sem contestação uma das origens desta eloqüência singular que o caracteriza e que se situa fora de toda comparação, como ela se eleva acima de toda rivalidade.<sup>33</sup>

A *Oraison funèbre de Henriette-Marie* notabilizou-o na França como “o criador da eloqüência fúnebre”.<sup>34</sup> Como observa Dussaut, “ninguém antes dele deu à religião uma característica tão majestosa, à razão um acento tão eloqüente, à política tanta profundidade, à história tanta majestade. Ninguém, além disso, falou e escreveu como Bossuet; ninguém encontrou como ele o sublime da expressão no sublime do pensamento, e a arte singular de dar por vezes ao pensamento ainda mais grandeza pela simplicidade da expressão...”.<sup>35</sup>

<sup>31</sup> SAINTE-BEUVE. *Op. cit.*, p. 61; ver DUSSALT. *Op. cit.*, p. 26.

<sup>32</sup> DUSSALT. *Op. cit.*, p. 26.

<sup>33</sup> *Id. ib.*, pp. 22s.

<sup>34</sup> *Id. ib.*, p. 27.

<sup>35</sup> DUSSALT. *Op. cit.*, p. 27.

Na ‘cátedra’ fúnebre, os oradores que o sucederam apenas renovaram as maravilhas criadas por ele. Da mesma forma que Bourdaloue e Massilon são considerados os primeiros predicadores na categoria dos sermões, Bossuet é situado no primeiro lugar entre os oradores na categoria *orações fúnebres*. De fato, desde o momento em que Bossuet se lançou neste gênero ele se tornou inigualável: “Bossuet permaneceu para a *oração fúnebre* o que Homero é ainda para a poesia épica, o modelo que todos os sucessores procuram imitar sem pretender se igualar”.<sup>36</sup> De acordo com Voltaire em *Le siècle de Louis XIV*, “se tem dele cinquenta e uma obras (...) são suas *Oraisons Funèbres* e seu *Discours sur l’histoire universelle* que o conduziram à imortalidade”.<sup>37</sup> A *Oraison funèbre de Louis de Bourbon*, de 1687, marcou o fim da carreira oratória de Bossuet. Assim é que “Ele acaba por sua obra-prima, como deveria fazer muitos dos grandes homens menos sábios ou menos afortunados que ele”.<sup>38</sup>

No século XVIII esse gênero foi desprezado. Voltaire e Montesquieu, entre outros, o desdenharam. No final do século XVIII, apesar de alguns homens de talento haverem tentado recuperá-lo, não o conseguiram.<sup>39</sup> Na interpretação de Villemain, “o século XVIII, de um espírito mais livre e mais ousado, fazia suceder a mania da censura ao elogio, gosta pouco da exageração do panegírico. A influência de alguns escritores mais engenhosos do que eloqüentes enfraqueceram a admiração pelas grandes belezas da arte oratória; a razão fria, sobretudo a *finesse*, prevaleceram. Este não é o tempo da alta eloqüência: a oração fúnebre foi cultivada sem talento e sem glória”.<sup>40</sup> Segundo a ironia de Voltaire, “... porque depois de Bossuet e de Fénelon, nós não tivemos boas orações fúnebres? É à falta dos mortos ou dos vivos?”.<sup>41</sup> Nos anos de 1659 a 1670 Bossuet foi considerado o maior dos oradores cristãos. Ele sempre ocupará o primeiro lugar entre os oradores sacros. Como observa Lavissee, Bossuet é tido como “o maior orador da literatura francesa”.<sup>42</sup>

As *Oraisons funèbres de Louis de Bourbon* e a *Oraison funèbre de Henriette-Marie* são textos que se aproximam do gênero medieval de literatura política e histórica espelhos de príncipes. Na verdade, mantêm características residuais dos *Specula* medievais,

<sup>36</sup> *Id. ib.*, p. 26.

<sup>37</sup> VOLTAIRE. In: SAINTE-BEUVE, 1928, *Op. cit.*, p. 97.

<sup>38</sup> DUSSALT. *Op. cit.*, p. 5.

<sup>39</sup> Cf. VILLEMMAIN, In: BOSSUET. *Op. cit.*, pp. LXI, LXIII-LXIV. *Op. cit.*, p. LVIII.

<sup>40</sup> VILLEMMAIN, In: BOSSUET. *Op. cit.*, p. LVIII.

<sup>41</sup> VOLTAIRE, Lettre à d’Argental, 18 de setembro de 1768, In: CHARBONNEL. *Op. cit.*, p. 95.

<sup>42</sup> LAVISSEE, *Op. cit.*, p. 109. Ver também DUSSALT, *Op. cit.*, pp. 18, 21; CHARBONNEL. *Op. cit.*, p. 28; VALÉRY, P. Sur BOSSUET. In: \_\_\_\_\_. *Variété 1 et 2*. Paris: Gallimard, 1978, p. 164; Calvet. *Op. cit.*, p. 306; ADAM, A. Histoire de la littérature française au XVII siècle. Tome V (1956). In: CHARBONNEL. *Op. cit.*, p. 98; VAUVENARGUES. *Fragments*. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres choisies*. Paris: Classiques Garnier Frères, 1954, p. 275.

que se transformaram com o tempo, segundo o avanço de novas concepções da política. Em suma, esses dois textos formam um catálogo de virtudes morais muito rico, que se incumbem de traçar o ideal ético da realeza na Idade Clássica. Trata-se de um catecismo político, que um escritor e homem da igreja zeloso achou por bem colocar à disposição dos homens. Ao recorrer à Bíblia, para trazer exemplos morais aos reis franceses, seu método discursivo faz de fato recordar algumas características dos preceitos religiosos da literatura política medieval.

Como demonstram alguns autores, os espelhos de príncipes formulam uma complexa escala de virtudes que os reis devem possuir, além dos vícios que devem repudiar. Do século XIII ao fim do XVI, os espelhos de príncipes preconizaram que, ao cultivar as virtudes, os reis receberiam as recompensas de Deus para o seu reinado. Mas, se pelo contrário, se entregassem às paixões mundanas, que representam os vícios e que levam quase sempre à desordem e à desagregação social, atrairiam sobre si e sobre seu reino os mais terríveis castigos de Deus.<sup>43</sup> O gênero *espelhos de príncipes* tem origens antigas e foi passando por alterações no decorrer dos séculos, correspondendo aos interesses e valores morais — na esfera da política —, de cada época. No século XVII, no contexto da chamada “querela dos antigos e dos modernos”, em que Luís XIV assume a cena central dos debates, tanto as obras históricas como os demais estilos literários centralizavam-se na imagem do príncipe perfeito, que deveria administrar o Estado segundo as virtudes cristãs:

Desde a Antiguidade Clássica se conheceu no Ocidente uma literatura voltada para a formação moral dos homens de Estado. Na Idade Média os *espelhos de príncipes* mantêm esta tradição. Produzidos por clérigos, dedicam-se a realçar as virtudes cristãs para a boa condução do governo por parte de príncipes, reis e imperadores. (...) A época moderna, à sua maneira, deu seqüência a este tipo de literatura política. No século XVII, muitos escritores políticos, defensores do absolutismo, se ocuparam em traçar normas para guiar os governantes pela via da prudência, da justiça, da caridade e da sabedoria, entre tantas outras virtudes de um extenso catálogo. (...) De todo o modo, os *espelhos de príncipes* modernos, apesar de incorporar elementos novos, mantiveram-se como uma espécie de catecismo real, trazendo as normas para administrar o Estado, segundo as virtudes cristãs.<sup>44</sup>

Não foi por acaso que os historiadores e escritores políticos enveredaram por este caminho. Na segunda metade do século XVII, o absolutismo atingiu o seu ponto culminante, e não se deve negar a contribuição desses profissionais ao lento processo da

<sup>43</sup> Cf. LOPES, M. *O político na modernidade*. São Paulo: Loyola, 1997.

<sup>44</sup> *Id. ib.*, pp.12ss.

construção do Estado Moderno. Quase todos os modelos de história, no século XVII, são discursos engajados que tomam a realeza como o núcleo temático da narrativa. Segundo a análise de Pierre Chaunu “na época moderna, a história está historicamente ligada à construção do Estado”.<sup>45</sup> Nesta linha de raciocínio Lopes também argumenta que, dificilmente, em qualquer tempo, a história e, de um modo geral, a literatura, foram tão reféns do poder político. E prossegue este autor: “Em qualquer um dos gêneros que conheceu no *Ancien Régime*, a história não escapou do cativeiro das lições morais e das máximas políticas, até porque sua principal função, na época, era pedagógica: instruir os homens que conduzem a nação. (...) E o tema político por excelência é o do monarca de direito divino”.<sup>46</sup> Assim foi com Bossuet, em praticamente tudo o que escreveu. Entusiasta na defesa do príncipe, ele ajudou a dar expressão doutrinal a um Estado que se apresentou como a esperança das multidões temerosas da desagregação e do caos. Suas orações fúnebres ocupam um papel menor neste processo. Mas são importantes no que se refere à compreensão da atmosfera intelectual do Antigo Regime.

<sup>45</sup> CHAUNU apud LOPES. *Id. ib.*, p. 28.

<sup>46</sup> LOPES, 1997. *Id. ib.*, p. 28. pp. 34s.